

A INQUISIÇÃO CONTEMPORÂNEA CONTRA LGBT E FEMINISTAS NA POLÍTICA INSTITUCIONAL BRASILEIRA

LIONÇO, Tatiana. **Contra a Má-Fé**: conjurações de uma acadêmica de ação direta. Salvador: Editora Devires, 2018. 184p.

Cleyton Feitosa¹

Tatiana Lionço é graduada em Psicologia (1999), Mestra em Psicologia Clínica (2002) e Doutora em Psicologia (2006) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (PED/IP/UnB). Coordenadora do Núcleo de Estudos da Diversidade Sexual e de Gênero do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB (NEDIG/CEAM/UnB). Tem se dedicado ao estudo do fundamentalismo religioso na política nacional, das redes de proteção para a comunidade LGBT universitária, do discurso de ódio na contemporaneidade e dos processos de subjetivação e sua relação com gênero e sexualidade².

Apesar de já ter publicado outros livros, organizados em parceria com outras pesquisadoras, *Contra a má-fé: conjurações de uma acadêmica de ação direta*, lançado pela Editora Devires em 2018, é seu primeiro livro de autoria individual com textos exclusivamente produzidos pela professora, o que lhe dá um tom particularmente singular. Segundo Lionço, este livro trata-se de um protesto em vários sentidos: contra a ascensão conservadora presente no cenário político atual, contra o discurso de ódio, contra as difamações dirigidas a ativistas LGBT e feministas na internet, contra a apatia de parte da comunidade acadêmica em relação aos movimentos de sufocamento da democracia no Brasil e contra o advento da meritocracia e do produtivismo acadêmico.

Também é um manifesto que expressa inúmeras reivindicações: pelo engajamento político de intelectuais na defesa da democracia, pelo compartilhamento de ideias sem o prejuízo do longo tempo da avaliação de artigos científicos, pelo respeito à pluralidade de pensamentos presentes na universidade, sobretudo aqueles que se conectam às demandas prementes da sociedade. É um manifesto de valorização de ações comunicativas comprometidas com a troca de argumentos críticos sobre a sociedade e a política. Assim, já na apresentação a leitura nos instiga a adentrar nas páginas seguintes diante de temáticas e agendas tão atuais e presentes no cotidiano de quem milita e faz pesquisa no Brasil.

1 Doutorando em Ciência Política pela Universidade de Brasília - UnB. Membro do Grupo de Pesquisa Resocie - Repensando as Relações entre Sociedade e Estado (CNPq). E-mail: cleyton_feitosa@hotmail.com

2 Informações extraídas do currículo lattes da autora: <http://lattes.cnpq.br/0488409845977623>. Acesso em: 06/09/2018.

Dentre as motivações apresentadas para a confecção do livro, chama atenção a afirmação geracional da autora que diz: “O livro poderá sobreviver à terminalidade da minha vida e manterá para meu filho e minha filha a minha própria memória e versão sobre esta história que é também parte de suas vidas, preservando minha voz e minha perspectiva” (LIONÇO, 2018, p. 18). É preciso contextualizar. Tatiana Lionço foi uma das expositoras do IX Seminário LGBT do Congresso Nacional, ocorrido em maio de 2012, cujo tema foi “Respeito à Diversidade se Aprende na Infância: Sexualidade, Papéis de Gênero e Educação na Infância e na Adolescência”. Após a sua intervenção no evento, vídeos editados da sua fala foram postados na internet com a intenção de difamar a Psicóloga. O material manipulado dava a entender que Lionço estimulava a homossexualidade infantil, distorcendo sua mensagem central e tornando-a inimiga pública de uma horda de fundamentalistas religiosos.

Assim, mais do que eternizar-se por meio da literatura por razões meramente egocêntricas, Tatiana se movimenta no sentido de preservar a sua narrativa e a sua memória, prevendo que a mentira e a difamação, feitas em seu nome, prevalecerão por muito tempo circulando nas redes sociais entre aqueles que agem de má-fé³. Desse ponto de vista, seu livro, para além dos importantes temas que toca, emana justiça. Nisso reside a sua profundidade e relevância: sua discussão não é empreendida apenas por interesses teóricos abstratos, pelo contrário, sua mensagem é fortemente personificada e elaborada por quem viveu experiências de violência real na luta por um país mais inclusivo e democrático.

Tudo isso também produz implicações éticas para esta resenha. Mais do que uma síntese da obra ou uma análise crítica da performance autoral da acadêmica, ela pretende dar vazão ao conteúdo manifesto respeitando as dores, sentimentos, objetivos e motivações contidos nele. A começar pelo prefácio. Em *Contra a Má-Fé*, o prefácio tem seu sentido elevado à enésima potência. Primeiro, porque ele é composto por mais de uma pessoa. São três. Leandro Colling, Jul Pagul e Amante da Heresia. Segundo, porque a escolha desses nomes, nas palavras da autora, “se baseia em minha crença pessoal de que são pessoas com quem eu posso compartilhar reconhecimento ou mesmo aliança nessa luta política que se fez para mim mais solitária nos últimos anos do que eu desejaria” (LIONÇO, 2018, p. 13).

Os critérios de escolha para os prefaciadores então parecem ser o afeto e a confiança. Nada muito diferente de outros prefácios não fosse o fato de que a escritora parece valorizar enfaticamente as alianças na luta política. Se observarmos atentamente a contracapa, a autora reclama da falta de apoio que recebeu no episódio difamatório. Ela começa dizendo: “Tatiana Lionço não pretende representar e não se sente representada por movimentos ou

3

Vale a pena destacar a perspicácia da autora no uso ambíguo da expressão “má-fé” no título do livro: de um lado, a palavra faz referência a ações injustas e ilegais deliberadas, algo como um desvio de caráter, de outro, refere-se à fé religiosa de seus detratores que neste caso estaria sendo mobilizada para o mal e para a violência.

instituições neste livro” e termina sentenciando: “Aprendeu durante a luta registrada neste livro que é uma herege; que o abandono, a solidão e o não reconhecimento também fazem caminho; que as alianças são sempre pontuais e revogáveis; que confiança não se negocia” (LIONÇO, 2018, contracapa).

Os capítulos do livro são distribuídos em duas grandes partes. A primeira, apresenta os pronunciamentos integrais realizados pela pesquisadora no Congresso Nacional, uma escolha coerente com seu desejo de relatar a verdade tal qual ocorreu, sem edições e manipulações tecnológicas. A segunda, compila textos publicados anteriormente na internet, o campo que se mostrara hostil à Tatiana e que ela resolveu bravamente disputar através de um conjunto de escritos que procuraram refutar a forma academicista e restrita de socialização do conhecimento e democraticamente dialogar com um público mais amplo de sujeitos e sujeitas com interesses afins no que diz respeito à luta pela igualdade, liberdade e contra a má-fé na política.

A primeira parte contém três pronunciamentos no Congresso Nacional. O primeiro deles foi o do IX Seminário LGBT do Congresso Nacional que já falei no início da resenha. Sua fala buscou demonstrar o quanto a sexualidade infantil foi disciplinada sob o olhar do adulto e das convenções morais que se constituíram na sociedade ao longo da história. Segundo Lionço, “a sexualidade infantil é a atividade por meio da qual as crianças exploram seus próprios corpos na busca do prazer, também num processo de construção da representação de si mesmas” (LIONÇO, 2018, p. 45) e esclarece: “Quando meninos e meninas brincam, inclusive sexualmente, com seus corpos, com outros meninos e meninas, eles não estão sendo gays ou lésbicas quando fazem isso com pares do mesmo sexo. Não é disso que se trata” (LIONÇO, 2018, p. 45). E diante do quadro de violência e repressão que acomete as nossas crianças, faz um retumbante apelo: “deixem as crianças brincarem em paz” (LIONÇO, 2018, p. 49).

Seu segundo pronunciamento no Congresso Nacional foi realizado em uma audiência pública ocorrida em agosto de 2015 sobre a interrupção voluntária da gravidez até a décima segunda semana de gestação. Sua fala se organizou em dois pontos: o primeiro abordou o direito à participação política direta e o segundo o posicionamento da Psicologia, a partir do sistema de conselhos da Psicologia, sobre a matéria. Destaco o protesto de Tatiana na ocasião contra os ataques que recebeu daquela mesma instituição: “eu poderia ter recusado sentar novamente em mesa dentro do Congresso Nacional dado que da última vez que participei formalmente de debates (...) o retorno que tive de parlamentares foi ser alvo de calúnias e difamações” (LIONÇO, 2018, p. 52). E continua: “tendo discutido a sexualidade na infância fui tornada pessoa que faz apologia da pedofilia a partir da distorção de meus argumentos por parte do Deputado Jair Bolsonaro (...)” (LIONÇO, 2018, p. 52).

Seu terceiro e último pronunciamento no Congresso Nacional, que fecha a

primeira parte do livro, refere-se a uma audiência pública ocorrida no Senado Federal em novembro de 2016 sobre violência contra mulheres travestis e transexuais. A autointitulada acadêmica de ação direta começa questionando por que logo ela - mulher cis - fora convidada a falar da vivência de mulheres trans ao qual ela mesma responde: “Infelizmente a transfobia, incluindo aí a transfobia institucional, requer que uma pessoa cisgênero fale, de preferência com titulação que lhe confira alguma autoridade intelectual, como no meu caso: Doutora em Psicologia e professora de uma das melhores universidades do país” (LIONÇO, 2018, p. 57). Em sua exposição, a professora dá uma lição sobre representação política: critica a Emenda Constitucional que congela investimentos públicos durante 20 anos⁴, se opõe a projetos de lei LGBTfóbicos, recorda da violência que sofreu de parlamentares novamente e culpa o Estado brasileiro pelas mortes de travestis e transexuais.

Como já informado, a segunda parte do livro é composto por uma coletânea de vinte e nove textos publicados anteriormente na internet. São diversos temas, escritos a partir de fatos ocorridos entre 2012 e 2018. Trata-se de um retrato histórico, visto da sua perspectiva (YOUNG, 2006), de acontecimentos políticos nesse período. Embora os pronunciamentos transcritos na primeira parte sejam muito ricos e interessantes, é na segunda que conseguimos enxergar Tatiana com mais profundidade, como um ser próximo. É nessa seção que ela não só expõe posicionamentos, como também se mostra pro leitor, se desnuda, transmite sentimentos de garra e dor. Ressalte-se que vários artigos recordam o episódio de difamação ocorrido em 2012, revelando a dimensão da violência sofrida e o quanto isso afetou a sua subjetividade.

Assim, nos curtos artigos, Tatiana denuncia a violência política sofrida na manipulação de sua fala, escreve cartas abertas a autoridades religiosas – como ao Reverendo Alberto Thieme – pela reprodução de vídeos difamatórios, demonstra o quanto o patriarcado constitui o fundamentalismo religioso (desde a inquisição até os dias atuais com as bancadas fundamentalistas no parlamento), faz inteligentes conexões entre conceitos freudianos, como recalque e foracluído, e o Estado brasileiro no sentido de denunciar as repressões e violações decorrentes do poder e da opinião pública do país, protesta contra a perseguição política e contra a omissão do Estado e do movimento social em apoiá-la e protegê-la das inúmeras violações compartilhadas na internet, expõe as horas perdidas e a sua dor. Promete continuar na luta, apesar de tudo.

A docente discute a política da vergonha mobilizada por fundamentalistas religiosos contra grupos com visões morais diferenciadas, reflete sobre as expressões de poder masculinas como no artigo “Político da vergonha: tire o teu pau das nossas vidas”, relata agressões contra estudantes LGBT

na universidade em que leciona, explica a guerra moral existente no Brasil a partir das mobilizações contra a indicação de Marco Feliciano para a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal⁵, reflete sobre os projetos de lei apresentados por fundamentalistas religiosos como o famoso “cura gay”⁶. Lança mão de metáforas para explicar como interesses privados e religiosos nas políticas públicas prejudicam o exercício de direitos fundamentais e “adoecem” o Estado (FEITOSA, 2019).

Comenta protestos públicos como o ato de pornoterrorismo na Marcha das Vádiás no Rio de Janeiro em 2013 quando da visita do Papa Francisco ao Brasil⁷ e os usos de símbolos religiosos utilizados na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo de 2015⁸. Observa que a luta pela laicidade do Estado vem se expandindo do Movimento Feminista para os Movimentos Negro, LGBT e Estudantil. Desabafa sobre notícias de ameaça contra a sua pessoa. Denuncia a introdução de teses religiosas como o pânico moral da Ideologia de Gênero no Brasil (MISKOLCI e CAMPANA, 2017; MACHADO, 2018). Narra novos ataques que utilizam sua imagem agora em campanhas políticas feitas pelo deputado Ronaldo Fonseca (PODEMOS - DF)⁹. Pensa sobre a importância na difusão de narrativas feministas e LGBT a partir de projetos como a do SSEX BBOX. Compartilha a experiência de organizar um bloco de carnaval feminista em Brasília chamado Bloco das Perseguidas.

A ativista alerta para o assanhamento do movimento Escola Sem Partido nas casas legislativas¹⁰ (MIGUEL, 2016), critica a Psicóloga Marisa Lobo por defender terapias de cura da homossexualidade, pensa sobre o papel da mulher na política quando do Golpe de 2016 (JINKINGS, DORIA e CLETO, 2016), critica novamente Marisa Lobo por utilizar o *slogan* “Psicóloga Cristã” na sua campanha para vereadora. Nas suas conjurações não é só a direita fundamentalista que merece reprovação: Tatiana questiona críticas de ativistas ao seu respeito por ser pessoa considerada privilegiada e reclama de um episódio em que teve a sua imagem utilizada sem prévia autorização em um documentário sobre o ex-Deputado Federal Jean Wyllys (PSOL - RJ).

5 Maiores informações sobre esse episódio podem ser obtidas na seguinte reportagem: <https://glo.bo/2kb4FmZ>. Acesso em 10/09/2019.

6 Maiores informações sobre esse e outros projetos de lei de iniciativa de deputados fundamentalistas em oposição aos direitos da população LGBT podem ser acessadas em: <http://bit.ly/2kb5xrE>. Acesso em: 10/09/2019.

7 Maiores informações sobre a manifestação da Marcha das Vádiás na Jornada Mundial da Juventude são encontradas em: <http://bit.ly/2UJ8fFe>. Acesso em: 10/09/2019.

8 Para mais leituras sobre esse evento em especial, ler: <http://bit.ly/2kDhO8v>. Acesso em: 10/09/2019.

9 Uma biografia do político pode ser lida em: <http://bit.ly/2IL2A1p>. Acesso em: 10/09/2019.

10 Para conhecer mais sobre o Escola Sem Partido, um movimento de censura nas instituições educacionais e de perseguição ideológica contra professores e professoras, visitar o site oficial em: <http://bit.ly/2lPlxNP>. Acesso em: 10/09/2019.

Faz jus ao seu título de Doutora em Psicologia ao tecer reflexões precisas sobre o papel da Psicologia na garantia dos direitos humanos, sobre os ataques que a categoria vem sofrendo e sobre os avanços da área na temática LGBT.

Meu capítulo preferido – e um dos mais surpreendentes do livro – é o “Eu sou um risco social: venceremos!!” em que a autora reposiciona seu discurso: ao ser difamada novamente, desta vez por Marco Feliciano, argumenta que não é o caso de se defender contra a acusação de que seria um risco social. Tatiana Lionço conclui que, de fato, é um risco social e uma ameaça aos projetos de consolidação da violência, da injustiça e da exclusão. Em uma das passagens mais bonitas da obra, reflete que ela é sim um terror porque ainda que fosse morta seria lembrada como exemplo da relação entre o discurso de ódio e a materialidade da violência.

Mesmo sua autora tendo a formação disciplinar em Psicologia (graduação, mestrado e doutorado), *Contra a má-fé: conjurações de uma acadêmica de ação direta* transborda conhecimentos para diferentes áreas disciplinares, especialmente para a Ciência Política, disciplina que me interessa no momento por ocasião do meu doutoramento. Ao narrar práticas e comportamentos políticos de parlamentares religiosos contra a sua pessoa (e também contra uma coletividade, qual seja, ativistas LGBT e feministas), Tatiana Lionço contribui diretamente para os estudos sobre as reações e oposições aos avanços civilizatórios em gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo. Sua obra toca em temas clássicos e atuais da Ciência Política como a representação política, as políticas públicas, as dinâmicas de interação entre movimentos sociais e o Estado, a desigualdade, o poder, a violência e a democracia como valor e como realidade concreta.

Dentre os inúmeros pontos positivos já listados, destaco a riqueza do livro em proporcionar uma leitura sensível sobre como as instituições políticas produzem e impactam subjetividades, principalmente aquelas marcadas pela experiência da exclusão e da inferiorização sociais. Quanto aos aspectos negativos, porque são necessários em resenhas como esta, destaco a pouca mobilização e interlocução teórica empreendidas na obra que poderiam ser mais exploradas, já que outros pesquisadores também vêm tratando do tema central abordado, qual seja, a ação política da direita, sobretudo a religiosa cristã, no Brasil (ALMEIDA, 2017; BIROLI, 2018; MACHADO, 2017; TEIXEIRA, 2017). Mas, de fato, esse não foi o objetivo do manuscrito e considero isso menor diante da riqueza empírica compartilhada com todos que pesquisam e lutam por democracia e direitos humanos no Brasil.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, p. 1-27, 2017.

BIROLI, Flávia. Reação conservadora, democracia e conhecimento. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 83-94, 2018.

FEITOSA, Cleyton. Políticas Públicas LGBT no Brasil: um estudo sobre o Centro Estadual de Combate à Homofobia de Pernambuco. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 90-118, mai./ago. 2019.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

LIONÇO, T. **Contra a Má-Fé**: conjurações de uma acadêmica de ação direta. Salvador: Editora Devires, 2018.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-18, 2018.

_____. Pentecostais, sexualidade e família no Congresso Nacional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 351-380, jan./abr. 2017.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaga no parlamento brasileiro. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez. 2017.

TEIXEIRA, Luis Gustavo. Religião e política no Brasil. **Latinoamerica - Revista de Estudos Latinoamericanos**, Ciudad de México, n. 69, p. 223-256, jul./dez. 2017.

YOUNG, Iris Marion. Representação política, identidade e minorias. **Lua Nova**, São Paulo, n. 67, p. 139-190. 2006.

Recebido em dezembro de 2018

Aprovado em abril de 2019.